

## **Desarmar-se para viver e deixar viver: o Brasil agradece**

**Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer**

Quem viu o filme recente de Michael Moore, "Tiros em Columbine" certamente ficou surpreso com os dados que apresenta. Os Estados Unidos, país campeão do mundo em tantas coisas, grande potência mundial, é uma sociedade apavorada, dominada pelo medo. E por isso arma-se até os dentes a fim de proteger-se do vizinho, do colega, do adversário, do companheiro, da turma com quem anda, dos moradores do condomínio ao lado, de tudo e de todos...enfim, de si mesmos.

No entanto, surpreendentemente, esse excesso de armas existentes supostamente para defender e proteger os cidadãos não possui o efeito de diminuir a violência e as mortes por assassinato no grande irmão do norte. Os números de mortes por armas de fogo sobem a níveis assustadores que o cineasta expõe cristalinamente, com sua câmera não tão discreta.

O Brasil, neste momento, vive o processo da campanha e legislação destinada a limitar o porte de armas por parte de seus cidadãos. E enquanto a campanha cresce e caminha, estimulada pelos pacifistas, encontra obstáculos na ação de lobistas e grupos a quem interessa que as armas proliferem e que os cidadãos comuns, alarmados pela insegurança das grandes cidades, passem a comprá-las para o caso delas necessitarem. O argumento é que as pessoas de bem precisam defender-se dos bandidos que sempre andam armados. E para tal é preciso ter uma arma em casa.

Aí reside certamente a falácia maior da argumentação contra o desarmamento que ganha espaço na mídia e na opinião pública. Falácia de querer fazer a opinião pública crer que armas pequenas, sem sofisticação e refinada tecnologia não são perigosas.

As pesquisas de instituições e ONGs que trabalham em favor da paz demonstram que hoje em dia, as armas pequenas e leves são as mais usadas na destruição em massa. Todos os anos, cerca de 500 mil pessoas morrem no mundo por causa de armas pequenas usadas em conflitos domésticos, crimes que são conseqüência e outras formas de violência. Desse total, 300 mil morrem em conflitos armados, e 200 mil são vítimas de homicídio, crime, suicídio e acidente. Em outras palavras, uma pessoa morre a cada minuto por causa das armas pequenas. A maioria das vítimas da violência armada é de civis, em boa parte mulheres e crianças. A arma guardada em casa para proteger é disparada por engano ou imperícia da criança e do adolescente que encontra nela mais um brinquedo. E a brincadeira acaba em sanguinolenta tragédia para desespero de todos e sentimento de culpa eterna de alguns.

Armas pequenas são de fácil aquisição, seja de forma legal ou ilegal. Fáceis de esconder, de usar e difíceis de controlar. As conseqüências podem ser vistas todos os dias nos jornais e nos telejornais. Homens, mulheres e crianças estão na mira da violência nas favelas e no asfalto das cidades brasileiras. Nas ruas e nas escolas a todo o momento alguma bala perdida ou intencional pode matar ou inutilizar para

sempre um jovem, uma criança um adulto. Adolescentes e jovens são os que correm o maior risco estando assim ameaçada toda uma geração e por extensão o futuro de um país e de uma nação.

A venda livre de armas mudou a face e a natureza da violência urbana. Quando há armas por perto, conflitos banais podem tornar-se tragédias irreversíveis. Sociedades antes tranquilas passam a ser campos de batalhas para gangues urbanas. Mesmo após o fim dos conflitos, os esforços para o perdão e a reconciliação são frustrados pela instabilidade causada por essas armas e seu potencial letal colocado nas mãos erradas e na hora errada.

A arma de fogo pode não ser a causa direta da violência, mas certamente um dos principais instrumentos para sua prática em momentos de conflitos. Assim, é muito mais um perigo do que uma proteção, já que cria uma falsa sensação de segurança e desmobiliza os esforços para construir trabalhosa e diuturnamente a concórdia e a paz. Além disso, o uso da arma de fogo para resistir a um assalto na verdade aumenta as chances da vítima ser baleada ou morrer.

Como todo instrumento de prática da violência, seja ela qual for, a posse e o porte da arma de fogo transforma a todos nós em potenciais assassinos, possíveis suicidas ou truculentos guerreiros. Carregar consigo o recurso para matar indica que admitimos, ainda que inconscientemente, a possibilidade de fazê-lo. E se assim for, nunca conseguiremos construir um futuro melhor e mais pacífico para nossos filhos e seus descendentes. Talvez nem tenhamos descendência para gerar e criar. Podemos ter matado a vida no seu nascedouro, bastando para isso um segundo de distração, incúria, exaltação ou infeliz acaso.

Desarmar-se, mais que depor fisicamente um instrumento letal, tem que começar pela atitude interior de não admitir carregar consigo nada que possa, ainda que remotamente acrescentar uma fagulha que seja à incandescente violência que assola nosso país e o mundo em que vivemos. Portanto, desarmemo-nos. E ajudemos amigos e conhecidos, inimigos e rivais, a baixar as armas para que a paz seja possível. Ajudemos o Brasil a desarmar-se, se quisermos que, depois de nós, haja vida em abundância para todos.